

A briga das urnas ainda não acabou mas disputa pelos cargos já começou

Iniciam-se as especulações sobre prováveis ministros de Lula e de Serra

Luiz Carlos Santos/12-01-01

Adriana Vasconcelos, Isabela Abdala, Ilimar Franco, Lydia Medeiros e Isabel Braga

• **BRASÍLIA.** A perspectiva de vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) já no primeiro turno da disputa pela Presidência antecipou as discussões sobre a composição de um possível governo. Para dar credibilidade ao futuro governo e acalmar os investidores, tudo indica que Lula deverá recorrer a pessoas que já exerceram cargos na administração pública federal e até mesmo de fora do partido. O ex-ministro João Sayad, secretário de Fazenda da prefeitura de São Paulo, é um dos cotados para o Ministério da Fazenda.

Outro cogitado para a vaga é o ex-ministro Rubens Ricupero, que ajudou a implementar o Plano Real e hoje faz duras críticas à política econômica do governo de Fernando Henrique Cardoso.

O economista Guido Mantega e o deputado Aloizio Mercadante (PT-SP), que tiveram papel-chave na elaboração do programa econômico, também aparecem na lista de ministériáveis. Mesmo que não ganhem um cargo no primeiro escalão, ambos deverão ter influência num possível governo de Lula.

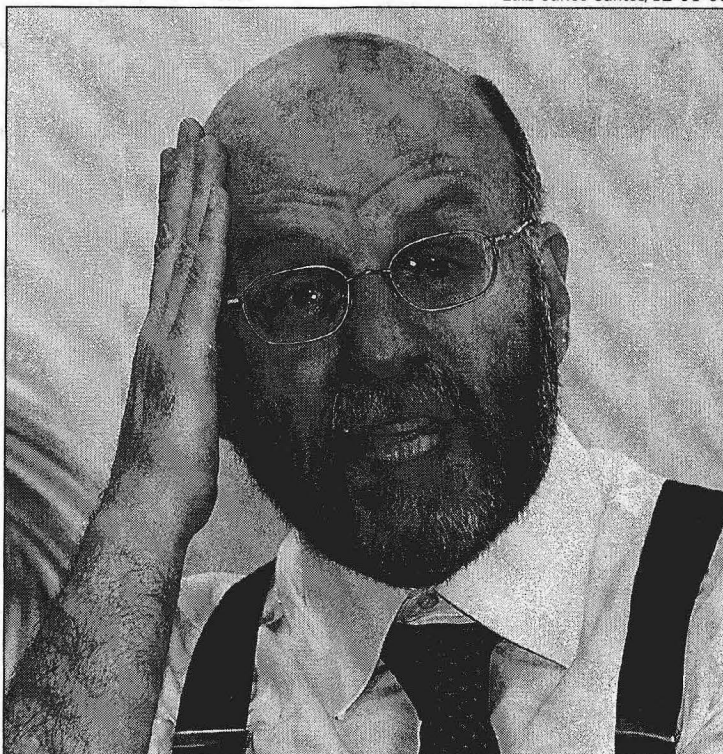
BC continua a ser incógnita

• A grande incógnita ainda é em relação à presidência do Banco Central. Ao contrário do tucano José Serra, que já admitiu a manutenção de Arminio Fraga, Lula deixou claro que acha que o atual presidente do BC não está dando conta do recado. Por isso, adiantou que pretende nomear alguém que conheça não apenas as sutilezas do mercado, mas que tenha sensibilidade social.

Ainda no âmbito da equipe econômica aparecem os economistas Luciano Coutinho e Paul Singer e até o ex-presidente da Petrobras Henri Philippe Reichstul, em razão de sua amizade com Sayad.

O presidente do PT, deputado José Dirceu (SP), é presença quase certa. Na campanha, teve papel de destaque na articulação da aliança com o PL e na conquista de adesões importantes, como a dos ex-presidentes Itamar Franco e José Sarney.

Para o Ministério das Relações Exteriores, dois nomes são cotados: Marco Aurélio Garcia e Mercadante, já que ambos ocuparam a Secretaria



JOÃO SAYAD: secretário de Fazenda da prefeitura de São Paulo

Roberto Stuckert Filho/26-09-02



SÉRGIO AMARAL: ministro do Desenvolvimento está cotado

de Relações Exteriores do partido. Lula também já adiantou que seu vice, o senador José Alencar (PL-MG), terá espaço no Ministério, formalmente ou não. De qualquer forma, deverá ser um interlocutor com o empresariado.

O prefeito de Ribeirão Preto, Antônio Palocci, que coordenou a formulação do programa de governo, é o mais cotado para coordenador da transição e para o Ministério do Desenvolvimento. Para o Trabalho, há nomes fortes como o deputado Paulo Paim (RS), Márcio Pochmann (ex-Dieese) ou Patrus Ananias, ex-prefeito de Belo Horizonte.

Um dos principais problemas será acomodar o grande número de políticos que deverão ficar sem mandato, como

o governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra, e que podem não ser eleitos, como o deputado José Genoíno, que disputa o governo de São Paulo, e o senador José Eduardo Dutra, que concorre ao governo de Sergipe.

— É muito cedo para se falar em cargos. Se a vitória for em primeiro turno, a situação será uma. Se for para o segundo, há a necessidade de composição com outros partidos — disse um integrante do comando da campanha.

A cautela é ainda maior entre os demais candidatos, que ainda brigam para levar a disputa para o segundo turno. Embora esteja coligado com o PMDB e saiba que para governar precisará de mais aliados, Serra dificilmente deverá no-

mear ministros só para agradar. Nesse ponto, dizem os aliados, marcará sua diferença do presidente Fernando Henrique. Também faz parte do pensamento de Serra conseguir as maiorias necessárias no Congresso a partir da mobilização da opinião pública para constranger os adversários e opositores. Pode parecer utopia, mas os aliados citam o exemplo do modelo adotado na questão das patentes na Organização Mundial da Saúde.

— A governabilidade com Serra será construída em cima de teses, e não com espaços de poder. Serra é meritocrático, com ele não tem compadrio nem cupincha — disse o coordenador do programa de governo, o prefeito de Vitória, Luiz Paulo Velozzo Lucas.

Do governo FH para o de Serra

• Entre os nomes que podem compor um possível governo Serra estão: Sérgio Amaral (atual ministro do Desenvolvimento); José Roberto Afonso (ex-BNDES); Pratin de Moraes (atual ministro da Agricultura); Barjas Negri (atual ministro da Saúde); João Roberto Vieira da Costa (ex-secretário de Comunicação e coordenador da campanha tucana); Gesner de Oliveira (ex-presidente do Cade); Andrea Callabi (ex-ministro do Planejamento); Andrea Matarazzo (ex-ministro da Comunicação); e Milton Seligman (ex-ministro da Reforma Agrária e atualmente na campanha tucana).

Outros nomes lembrados por terem uma boa relação com Serra são o banqueiro Olavo Setúbal, o empresário Antônio Ermírio de Moraes, Clóvis Carvalho (ex-chefe da Casa Civil), José Roberto Mendonça de Barros (ex-secretário de Comércio Exterior) e Fábio Giambiagi (ex-BNDES). E pelo menos uma pasta os tucanos já dão como certa: o Ministério da Cultura para o senador Artur da Távola (RJ).

Terá influência a turma do Instituto de Estudos e Desenvolvimento Industrial (Ied), como o presidente do conselho, Ivoncy Ioschpe, e o executivo Paulo Cunha (do grupo Ultra). O instituto é frontalmente contrário à política econômica do ministro da Fazenda, Pedro Malan. Para a interlocução com os outros partidos, Serra conta com Michel Temer (PMDB), Francisco Dornelles (PPB) e Marco Maciel (PFL). ■